

O ACONTECIMENTO DO OUTRO NA LÍNGUA

Mónica Graciela ZOPPI FONTANA
UNICAMP-CNPq
monzoppi@uol.com.br

Este trabalho é fruto de uma reflexão iniciada já há algum tempo em parceria com Maria Teresa Celada (USP), que já deu lugar a diversos artigos em coautoria (cf. entre outros, Celada e Zoppi Fontana, 2009). Nosso objetivo era compreender os efeitos dos processos de integração regional sobre os processos de subjetivação de falantes constituídos por entre o português brasileiro e o espanhol rio-platense. Alguns resultados das análises já desenvolvidas apontam para uma relação de *estranha familiaridade* entre ambas as línguas, que ao mesmo tempo produz efeitos de identificação imaginária e contra-identificação discursiva, relacionados com as condições de produção históricas que constituíram as formações sociais brasileira e argentina.

Neste trabalho me debruço sobre o funcionamento de uma expressão em língua espanhola que circula amplamente na mídia brasileira inscrita em textos escritos ou falados em português brasileiro. Observe-se que esta construção é inserida sem marcação diferencial nem destaque nos textos e não aparece seguida de tradução ou explicação em português. Dito de outra maneira, o gesto de autoria indistingue as duas línguas que aparecem em contiguidade sem demarcação de fronteiras. Embora os discursos jornalístico e publicitário sejam o espaço mais frequente de circulação desta construção, é possível encontrá-la nas conversas cotidianas, sobretudo em modos de dizer marcados pela ironia. Muito comum em manchetes de jornal e slogans publicitários, esta expressão aparece também no corpo do texto das matérias jornalísticas, com pequenas variações. Em geral, a forma completa SÍ, PERO NO MUCHO aparece inscrita principalmente em manchetes e slogans, e a forma reduzida X, PERO NO MUCHO aparece no corpo do texto, sendo X a variável que representa o segmento de texto que antecede a esta expressão. Vejamos um recorte:

Em enunciados isolados (manchetes, títulos e slogans):

1- *Prefeituras transparentes? Sí, pero no mucho.* (Divinews -MG, 10-6-2010)

2- *Partido tem dono? Sí, pero no mucho* (Diário de Santa Maria - RS, 23-10-2011)

3- *Inimigos? Sí, pero no mucho. Hugo Chavez, presidente da Venezuela* (Jornal da Tarde -SP, 21-2-2010)

No corpo do texto

4- *Com seus trajes de princesa asiática, que ela mesma desenha, e sua música tradicional, pero no mucho, As Dingding não é apenas uma atração sobre medida para o catálogo da world music mundo afora. Sua biografia também vem a calhar para o regime comunista...* (Folha.com 9-7-2008)

5- *Anteriormente, eu até achava que ia ser muito legal passar uns dias fora, podendo sair todos os dias, sem horário pra nada e tal. Engano. É legal, pero no mucho. Uma hora cansa e, de novo, o que você quer mesmo é chegar na sua casa...* (Folha.com colunista Luiz Rivorio, 6-2-2011)

Em termos semânticos, trata-se de uma construção fixa, com função de conector argumentativo, que restringe uma afirmação anterior a partir do funcionamento da negação de um grau elevado da escala argumentativa (“no mucho”) e de um movimento de releitura em

face de uma pergunta ou afirmação anterior, introduzido pelo “pero”. Neste trabalho focamos especialmente seu funcionamento discursivo, ao qual apontamos através do questionamento da mistura-convívio das línguas vizinhas aí presentes. Por que comparece uma construção em espanhol havendo formas equivalentes em língua portuguesa (“sim, mas não muito”, “sim, mas nem tanto”, “sim, mas não é bem assim”)? Como interpretar os efeitos de sentido produzidos pelo **acontecimento da língua outra/do outro na língua** em textos que circulam escritos em português para leitores brasileiros?

Interpretamos o funcionamento dessa forma como um *modo de dizer* marcado pela modalização autonímica, que faz com que essa construção, ao mesmo tempo em que está integrada ao fio do discurso com funcionamento de conector argumentativo, se mostre metaenunciativamente como uma marca de alteridade: representa imaginariamente a língua do outro e um seu modo de argumentar por meio do mecanismo da antecipação - IA(B(R)) e IA(B)- e a partir dos efeitos de pré-construído que significam as relações regionais no Cone Sul. Por um lado, encontramos um **discurso sobre o outro** “*hermanos pero no mucho*”, que produz um simulacro tanto da **língua** do outro, a partir de uma fórmula que cristaliza em uma única construção marcas emblemáticas do espanhol (o som africado em “*mucho*” que distingue os que falam “*che muchacha*”, a designação “*hermanos*” e o conector adversativo “*pero*” na sua radical diferença com seus correlatos em português), quanto do seu **modo de argumentar** (os “contras”, os desconfiados, os que se opõem a tudo, aqueles que colocam um “pero” que emperra a fluidez de qualquer negociação). Por outro lado, a modalização autonímica da expressão alude aos mecanismos de antecipação imaginária que significam as relações de **rivalidade fraterna** que esse discurso sobre o outro projeta. Assim, observamos o paradoxo de um movimento de identificação imaginária que ao mesmo tempo aproxima o sujeito brasileiro ao lugar ocupado por seu outro ideal (a “garra” dos argentinos, sua “politização”, suas tomadas de posição na resistência) e o afasta (sua arrogância, sua prepotência, sua grosseria), como consequência do efeito de sustentação produzido pelo **discurso do homem cordial** (“brasileiro logo cordial”).

É no equívoco produzido pelo acontecimento da língua outra/do outro na enunciação, significando no paradoxo das identificações imaginárias e no simulacro das antecipações, que esta expressão projeta sobre o texto em que aparece um tom irônico que abre o encadeamento argumentativo para a deriva da interpretação. Este funcionamento irônico da expressão, facilmente identificável nos textos que se referem às relações de rivalidade (esportiva, econômica, política, cultural) do Brasil com os países hispano-falantes, e em especial com a Argentina, é também projetado para todos os textos em que a expressão aparece, independentemente da referência à disputa de hegemonia na América Latina, como em 4- e 5-.

Assim, encontramos um deslizamento de sentido que leva a um uso da expressão que conserva o movimento argumentativo mas esvazia a predicação de sua referência à identidade latino-americana. Como interpretar discursivamente este deslizamento e o consequente alargamento dos espaços de circulação desta expressão? O que sua presença nos textos nos mostra ou nos deixa intuir, no seu funcionamento sintomático? Arriscamos uma resposta como um convite ao debate.

Resistir à língua outra e ao outro, no seu modo concreto de estar na língua (seu modo de argumentar, seu modo de dizer), pela inscrição dessa língua estranha na própria, como simulacro, não constituiria o movimento paradoxal de contra-identificação pelo qual o sujeito brasileiro afirma sua radical diferença no contexto latino-americano ao tempo em que se constitui na indistinção e deslimites das relações de integração?

Referências bibliográficas

CELADA, M. T. y ZOPPI-FONTANA, (2009). Sujetos desplazados, lenguas en movimiento: identificación y resistencia en procesos de integración regional. In *Signo & Seña*, núm. 20, p. 159-180.